**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**LIDIANE ALVES DE OLIVEIRA**

**INCONTORNÁVEL MARX: ” DEPOIS DE MIM, O DILUVIO! ”**

**IMAGEM DA MORTE E DA NEGAÇÃO DO CORPO EM MARX**

ARACAJU

2016

**LIDIANE ALVES DE OLIVEIRA**

**INCONTORNÁVEL MARX: ” DEPOIS DE MIM, O DILUVIO! ”**

**IMAGEM DA MORTE E DA NEGAÇÃO DO CORPO EM MARX**

Artigo Científico apresentado a Disciplina Trabalho e Sociabilidade do curso de pós-graduação em Serviço Social como requisito para obtenção de nota.

ARACAJU

2016

Resumo

O presente artigo é parte de um estudo mais amplo, que teve um dos seus principais objetivos o estudo da imagem e da negação do corpo em Marx. Para fazê-lo foi necessário o estudo sobre a produção de Jean-Marie Bronh, a temática em questão na qual o autor reconhece que a morte está quase oculta no materialismo histórico. Neste sentido a produção foi escrita de modo análogo, as rápidas considerações têm por objetivo apenas trazer o debate para o campo problemático e de tensões que permeiam a morte como dissolução total do corpo individual e o significado do trabalho no processo de constituição do individuo social. Palavras chaves: Corpo, Trabalho, Indivíduo Social.

INTRODUÇÃO:

O tema é especialmente oportuno quando se proclama que no marxismo há apenas observações esparsas sobre o corpo e a morte no materialismo histórico ao se privilegiar o tema “Depois de mim o dilúvio”, urge explicitar a óptica de análise do corpo e da morte no marxismo. O artigo alude o trabalho no processo de constituição do indivíduo social e na produção da vida material nos marcos da sociedade capitalista.

Assim, este trabalho abre sendas ao debater implicações e tendências entre trabalho e individuo social na sociedade mercantil, em outros termos apreender a forma de individualidade e/ou sociabilidade humana, assim parafraseando (MARX, 1962 citado por BRONH, p.341). *“A história que é a “verdadeira história natural do homem”, nada mais é que o engendramento do homem pelo trabalho humano”.* Portanto, o homem dotado de força natural transforma a natureza e ao mesmo tempo transforma a si mesmo.

Desta maneira, tem-se uma forma especifica de sociabilidade e como já afirma Brohn, 2007 nada do corpo é natural, mas, resultado da civilização, assim os homens se distinguem dos animais no momento que começam a produzir seus meios de existência. Vale ressaltar ao trabalho só pertence a sua força de trabalho por que o produto dele é propriedade do capital.

Por tanto, A crítica sobre o corpo e a morte no capitalismo conduz a critica de uma sociedade baseada na a cumulação do capital, que suga do individuo a maior parte de seu tempo a partir da extensa jornada de trabalho expressa pelo estigma da opressão social.

CORPO, TRABALHO E INDIVÍDUO SOCIAL.

O corpo se afirmar como materialidade do trabalho e ao mesmo tempo está materialidade torna o homem alienado e explorado dentro desse processo, assim entende-se que o trabalho é o grande educador da humanidade, pensando dialeticamente sobre isso podemos citar aqui o seguinte exemplo trazido por Engels apud Bronh, p.341. A história *“natural e depois cultural do corpo é, portanto, a história do trabalho no corpo e do corpo para o trabalho.* Desta feita, o trabalho foi essencial no processo evolutivo do homem, inclusive enquanto natureza socializada, pois, nada do corpo é natural, mas, resultado de uma civilização.

A este respeito o corpo está longe de ser uma essência ou contingência a alma, ele é condição necessária para as forças produtivas capitalista, servindo de aparelhagem tecnológicas assim, o corpo como potência natural de transformar a natureza em bens materiais reduz-se a uma máquina de produção pela busca da mais-valia. O quadro exposto traz à tona o capitalismo com fator determinante do processo da morte. Vejamos as palavras de (MARX, 1975, p. 229, citado por BRÖHM, 2007, p. 349, grifo do autor) “*O capital é trabalho morto, que, semelhante ao vampiro, não anima senão sugando o sangue vivo e sua vida é tanto mais alegre quanto mais ele suga”.* Em outras palavras o capital não está preocupado com a condição social, psicológica ou biológica do indivíduo, o que lhes interessa é sua força viva geradora de lucro e como consequência produz a degenerescência de toda a vida do trabalhador. É sobre o duro labor do trabalho que o homem está a serviço da morte, a opressão social pelo qual o trabalhador é exposto todos os dias a exemplo do prolongamento da jornada de trabalho privando de toda vida social degenera seu corpo a tal ponto que se pode ler sobre ele.

 De outro modo, o corpo obedece às leis de acumulação do capital e sua capacidade corporal é reduzida a uma máquina de produzir sobre trabalho, vale ressaltar que não são todos os corpos de uma sociedade que serão destinados a exploração do trabalho, mas, o corpo do proletário que a partir de sua contingência se prolonga em geração em geração*. “A contingência de meu corpo é o que determina minha origem de classe e a filiação corporal de classe define o pertencimento de classe”. (BRÖHM, 2007, p. 350).* Aqui entende-se que o corpo não é apenas uma adição da alma, mas, um determinante para o destino da classe pertencente, isso acontece a partir do nascimento, o nascimento determina a posição social do homem, dessa forma, ao ser lançado numa dada sociedade a uns o corpo lhe impõe a condição de proletário dispondo apenas da sua força de trabalho para sobrevier, a outros o orgulho da linhagem, da riqueza e puro sangue e assim constitui-se a dimensão do ser social, o corpo soberano e/ou dominante desfruta dos bens produzido por outros já o corpo escravo é oprimido e alienado, o trabalho não é uma realização de sua vida, mas, um sofrimento.

 O processo capitalista de produção transforma o trabalho em um sacrifício, a preocupação incide sobre a atividade social que os indivíduos são capazes de produzir e reproduzir nas relações de produção. Assim,

O operário é assim reduzido a uma besta do trabalho, a uma máquina para produzir sobretrabalho. O trabalho não é, portanto, para ele, nada mais que uma atividade obrigatória, exterior, estranha, que não pertence à sua essência. (MARX, 1962, p. 352, citado por BRÖHM, 2007, p. 352)

Esta condição histórica reduz o trabalhador a um instrumento técnico que vende, conserta, melhora e cuida. A venda da sua força de trabalho atende exclusivamente as necessidades do capital, pois, para o possuidor de sua força de trabalho não há outra utilidade que a de satisfazer uma determinada necessidade social. Neste sistema o corpo do trabalhador torna-se completamente produtivo. Como o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de um salário tudo irá ser quantificado, desde custo da seguridade social, seguro-de-vida a probidade dos acidentes de trabalho, expectativa de vida dentre outras.

Deste ponto de vista,

Cada homem morre todos os dias de 24 horas; mas é impossível saber pelo simples aspecto de um homem de quantos dias ele já está morto. Isto não impede as companhias de seguro de tirarem conclusões muito seguras sobre a média de vida do homem, e o que mais lhes importa, muito lucrativas. Sabe-se ainda, por experiência, quanto tempo dura em média um instrumento de trabalho”. (MARX, 1975, p. 203, citado por BRÖHM, 2007, p. 355)

Está tensão remete a um modo de produção capitalista de destruição das perdas humanas, as precarizações do trabalho manifestam os acidentes de trabalho frequentemente mortais o estresse diversos, a fadiga e deterioração do corpo precocemente com o desgaste de sua saúde perdidas nos numerosos anos de trabalho entregue ao capital. Ao trabalhador então só lhe resta o pedido de aposentadoria como preço da morte.

Outra consequência do processo capitalista é a extrema especialização do trabalho. A divisão do trabalho não é somente técnica é sobretudo social, divide-se o trabalho manual entre o trabalho intelectual surgindo dessa forma, as desigualdades de competências e de poderes, então concentra o poder e competência nas mãos dos que concebem a divisão do trabalho e a dependência, labor e servidão para os outros, de outro modo pode-se perceber que o capitalismo coloca as classes trabalhadoras umas contra as outras quando cria a hierarquia entre os próprios operários.

Brohm, 2007 alerta que esse processo dicotômico é fundamental para reprodução da dominação e a submissão as ordens do capital e, portanto, necessárias a expansão das forças produtivas do trabalho social. Crescem junto com a divisão do trabalho uma sociedade mortífera que se expressa nas péssimas condições de saúde, habitação, educação, trabalho noturno entre tantos. Essa destruição em larga escala de vidas humanas é concebida a partir da troca da venda da força de trabalho em meios de vida, não resta ao trabalhador outra alternativa senão a de retornar ao mercado novamente e vender sua força de trabalho como condição de sua sobrevivência. Assim (LEVINAS, 1993, P.120 citado por BRÖHM, 2007, p. 359) convida a *“pensar a morte a partir do tempo e não mais o tempo a partir da morte. Isto nada retira do caráter inelutável da morte, mas não lhe deixa o privilégio de ser a fonte de todo significado.”*, assim, a morte torna-se a única certeza do homem de igual modo que o capitalismo torna-se responsável por uma produção de mortos e feridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as considerações trazidas pelo materialismo histórico sobre a morte e negação do corpo, foram suficientes para compreender a dialética da vida e da morte na sociedade capitalista. O corpo no capitalismo tem a função de uma maquina para produção de mais-valia e o capitalismo reproduz as condições do processo da morte. A dominação do capitalista sobre o trabalhador não afeta somente o corpo, mas, esmaga o corpo vivo num processo de antiprodução da vida. À medida que cresce a força produtiva do tralho social, cresce a riqueza do capitalista e cresce a pobreza, logo a produção capitalista é reprodução de relações contraditórias entre burguesia e proletariado.

No entanto, o marxismo propõe colocar o sentido da morte a partir de uma perspectiva de emancipação que ainda não aconteceu, mas, que com enfrentamento da alienação do trabalho pelos trabalhadores implicariam em lutas por seus interesses coletivos. Porém, na sociedade capitalista a morte é tida como sentido da vida, uma ameaça à liberdade desde o início da mesma.

REFERÊNCIAS

BRÖHM, Jean-Marie. “Depois de mim, o dilúvio!”: imagens da morte e da negação do corpo em Marx. In: NÓVOA, Jorge (Org.). **Incontornável Marx.** Salvador/São Paulo. EDUFBA/Editora UNESP, 2007.